

POR UMA LITURGIA TOTALIZANTE!

(Ensaio – Rev. Lício Luciano Nonato)¹

A Reforma Protestante do século XVI dentro das várias verdades bíblicas redescobertas, restaurou uma que é considerada a jóia do elenco bíblico: o sacerdócio universal de todos os cristãos. Embora a visão de Lutero, no que tange a esse assunto, estivesse profundamente marcada pelo contexto eclesiástico do seu tempo, abriu portas para uma reforma muito mais profunda que redirecionou todo o caminho e estrutura da igreja. Esse ensinamento proporcionou um campo importantíssimo para a pesquisa teológica e aperfeiçoamento da igreja.

O sacerdócio universal de todos os cristãos, ensinamento claro e básico no contexto da igreja apostólica, pressupõe pelo menos: 1. que os fieis não dependem de um clero ou qualquer outra formação humana para chegar-se a Deus, senão de Jesus Cristo²; 2. que não existe a grande separação entre clero e leigo na igreja; 3. que todos os fieis são ministros³ divinamente chamados para o ministério sagrado na igreja ou segmento social, tão sagrado quanto o da pregação e do ensino; 4. que todos os fieis são equipados por Deus para operarem no contexto do corpo de Cristo, a igreja, e do mundo social; 5. que Deus dota a todos os fieis com dons espirituais para exercerem o seu sacerdócio seja no contexto da igreja ou do mundo; 6. que o culto a Deus ultrapassa os momentos rituais e celebrativos das reuniões adorativas e envolve a pessoa em sua totalidade individual e sistêmica.

Lutero e outros reformadores, ao abordar esse ensinamento bíblico produzindo todas essas implicações, contribuíram para a construção de pressupostos e embasamento para o ensinamento do sacerdócio universal de todos os fieis que lançou base para uma grande reflexão eclesiológica que muito enriqueceu e enriquecerá a igreja e o reino aqui na terra.

O sacerdócio romano surgiu bem no alvorecer da história da igreja. A sua constituição teve muito mais influência do sacerdócio pagão e do Antigo Testamento do que da igreja neo-testamentária⁴. Os cultos gregos e romanos, como muitos cultos de antigos povos possuíam os seus sacerdotes que faziam intermediação entre os seus deuses e o povo através de liturgias que envolviam desde oferecimento de comidas, sacrifícios de animais, orgias, até sacrifícios humanos. Eram as pessoas separadas para se chegarem aos deuses dos povos. Geralmente eram tidas com apreço pela sociedade a qual pertenciam e viviam entre os primeiros. Vários estudos apontam as similitudes entre o sacerdócio romano gerado dentro da igreja e os sacerdócios dos povos antigos, especialmente gregos e romanos. Esse quadro, cada vez mais aceito dentro da igreja, criou e aumentou progressivamente o abismo entre as classes clero-leigo principalmente depois do dogma da Missa em 394 dC. O clero se tornou tão especializado em sua função sacerdotal, que não mais era, com o passar do tempo, permitido ao “leigo” mais nada fazer senão assistir aos cultos e missas como somente expectadores. Essa crescente separação, vez ou outra, era denunciada por várias vozes dentro da igreja que clamavam por reforma da mesma, principalmente diante do ultramontanismo cada vez mais crescente.⁵ Diante de tantas tentativas sufocadas⁶ o “caldo entornou” principalmente no século XVI. Diante de um quadro de simonia, de imoralidade, corrupção e supertição do clero romano, de um povo cansado e humilhado, o grito da reforma se fez ecoar espalhando o ensejo por toda a Europa e criando o maior cisma dentro da igreja cristã do ocidente.

Dentro do processo da Reforma, o “sacerdócio universal de todos os fieis” vinha para acabar de vez com o monopólio romano sobre a consciência e a fé. Segundo essa, as escrituras, e não os concílios, eram as fontes seguras de crença e obediência a Deus. O ensinamento era um golpe na coluna dorsal romana: o clero. Todo o conceito sobre o que era a igreja de Cristo, sobre o culto, salvação, governo eclesiástico, tradição e muitos outros

¹ O autor é Pastor da Igreja Presbiteriana de Guanhães, MG. Bacharelado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano de Belo Horizonte, Licenciatura Curta em Estudos Sociais e Plena em História, é especializado em Gestão de Sistemas Educacionais (PREPES/PUC/BH) e Educação (PITÀGORAS).

² A rejeição do Papa Leão XII das propostas de Lutero contextualizaram a sua defesa dessa tese.

³ Chamados para o ministério dos santos Efésios

⁴ Alguns pais da igreja são responsáveis por propiciar reflexões que contribuíram como embrião para essa construção: Clemente (ministério cristão composto de sumo sacerdote, sacerdote e levita), a Didaquê (chama os profetas cristãos de “vossos sumos sacerdotes” e refere-se à eucaristia como um sacrifício) e, mais especificamente, em Tertuliano e Hipólito, que referem-se aos ministros cristãos como “sacerdotes” e “sumos sacerdotes.”

⁵ Ultramontanismo foi a ideologia católica-romana de dar ao Papa todo poder como representante de Cristo.

⁶ Os clamores por reforma na igreja antecede Lutero e Calvinho de longa data.

temas importantes no contexto dogmático seria profundamente abalado por novos estudos das escrituras que eram espalhados pelos países europeus.

A princípio Lutero pregava uma doutrina sobre o sacerdócio que enfraquecia a igreja instituição e fortalecia a igreja povo. Esse enfoque é compreendido diante do ultramontanismo vivido em sua época. O enfoque de Lutero no povo será redirecionado diante das revoltas dos camponeses contra os príncipes.

Lutero focou-se em defender que todos os fieis eram sacerdotes, numa perspectiva de que têm acesso a Deus independente da instituição igreja, mas somente através de Jesus Cristo. As consequências sociais dessa doutrina podem ser vistas nas revoltas dos camponeses que queriam um rompimento radical. É certo que Lutero entendeu⁷ a mesma realidade da vocação percebida por outros reformadores, isto é, que todos os fieis são chamados, vocacionados para servir a Deus, mesmo que os seus afazeres não estivessem vinculados a algum trabalho da igreja. E essa vocação era tão sagrada quanto a vocação para a pregação do sagrado evangelho. Essa visão reformada revolucionou a ética do trabalho, pois ao contrário de tratá-lo como castigo, via-o como vocação. Entretanto, Lutero, como os demais, tratavam o ministério da pregação basicamente como o mais importante dentro do contexto da igreja, ainda que outras vocações fossem consideradas como nobremente santas, especialmente a vocação para o professorado.⁸

O sacerdócio de todos os fieis não só coloca o homem na única dependência exclusiva de Jesus para chegar-se a Deus, o que é assunto soteriológico, mas fala também desse homem salvo como ministro de Deus, no contexto eclesiológico. De fato, num contexto soteriológico o sacerdócio independe da igreja, mas não no sentido eclesiológico. Dentro do vetor eclesiológico o sacerdócio funciona na dependência da igreja e por isso não existirá sacerdócio independente da igreja, povo.

O sacerdócio universal de todos os cristãos foi o maior golpe sobre a cultura clerical, e destaca a posição do cristão no contexto místico da igreja. Em outras palavras, a igreja traz inerente a si o ofício sacerdotal. Todos têm um chamado funcional e a igreja é constituída por todos. A expressão de Paulo aos coríntios de que todos foram batizados em um mesmo Espírito e que formam um só corpo e bebem de um mesmo espírito,⁹ demonstra essa verdade.

O homem, em estado natural, possui uma natureza alienada e rebelde à Deus. Toda a bíblia mostra essa realidade, mas foi Paulo o autor sacro que mais aprofundou essa temática, especialmente na sua carta à igreja de Roma. Segundo o apóstolo, o homem natural tem uma índole contrária a Deus e portando inimiga de Deus. É realmente difícil entender essa máxima e ao mesmo tempo ver tanta gente procurando Deus através da Religião. Entretanto, para os escritores sacros, mormente Paulo, o homem não está procurando o Deus verdadeiro, senão o seu próprio deus para servi-lo à sua própria maneira. O homem natural é inimigo de Deus por natureza e não pode se submeter à Deus: são opositores entre si.

No evangelho de João, capítulo 16, versículo 14, referindo-se ao Espírito Santo, Jesus afirmou: "ele me glorificará (δοξάσει)". Em que sentido o Espírito Santo glorificará o Filho? Para entender isso é necessário voltar à aliança eterna da redenção! Cada pessoa da trindade, em conjunto, se destaca em uma determinada etapa da obra da salvação. O papel do Espírito, após a obra histórica da redenção se concretizar é levar os homens à Cristo apontando-o como o centro de toda a restauração do cosmos. Entretanto, como fazer para que esse homem rebelde, alienado, inimigo enalteça, reconheça Jesus como senhor, dono e rei da sua vida? Como fazer para que esse homem se submeta e adore a Deus participando da sua glória? Resposta? É necessário que esse homem seja transformado de inimigo para amigo, senhor de si mesmo para servo, rebelde para rendido aos pés. Como? Novo nascimento!

Os profetas antigos falaram de um derramamento do Espírito que mudaria o coração do homem de pedra para coração de carne.¹⁰ A metáfora aponta para uma transformação de inimigo para adorador. É assim que o Espírito Santo vai glorificar a Jesus, atraindo e aplicando na vida de homens a obra de Cristo que os fará não mais inimigos, mas servos e adoradores.

Tudo isso acontece no novo nascimento, quando uma nova disposição aparece na vida do homem, após ser transformado, ressuscitado pelo Espírito de Cristo. Agora, não mais uma disposição para o mal, para a

⁷ Lutero e os demais reformadores encararam toda a existência humana como serviço prestado a Deus. Lutero chegava a afirmar que ser professor é tão sagrado como ser pastor.

⁸ Em Genebra João Calvino aceitava pelo menos três ministérios: diaconal, da pregação da palavra e ensino.

⁹ Icoríntios 12.14

¹⁰ Is 44.3; Ez 39.29; etc.

desobediência, para fugir de Deus, mas para amá-lo, reverenciá-lo, anelar por ele, submeter-se à ele por amor. A essa nova disposição provinda do novo nascimento chamamos de espírito de adoração.

É bom lembrar que Jesus falou sobre "rios de água viva"¹¹ que fluiriam de dentro daqueles que creriam nele. Esses rios de água viva, que fluem do interior dos que creem, são exatamente produzidos pelo Espírito Santo que está sempre levando o homem à submissão e ao anelo por honrar, amar, reverenciar e obedecer. Esse espírito de adoração é a origem de todo culto na vida do homem, de toda postura de glorificação ao nome de Cristo.

Em Filipenses capítulo três, verso três, Paulo fala que "*nós é que somos a verdadeira circuncisão, nós os que adoramos pelo Espírito de Deus*". Verifica-se aqui a mesma verdade! É o Espírito de Deus que sempre está mantendo no homem regenerado o espírito de adoração ou essa nova disposição para sujeição amor e respeito. Ele é a fonte de todo anelo por santidade, respeito, amor e obediência. Os "rios de água viva" são exatamente essas disposições produzidas no homem pelo Espírito Santo. Por isso, a verdadeira adoração passa pelo vies do novo nascimento. Se alguém não tem o Espírito Santo, esse tal não é de Cristo, o máximo que poderia produzir em termos de adoração seria a adoração religiosa.

Fazendo uma paráfrase, sem prejudicar o conteúdo de Romanos capítulo oito versículo quinze: "Por que não recebestes o *espírito de rebelião*, para viverdes, outra vez, inimigos de Deus, mas recebestes o *espírito de adoração, baseados no qual dizemos: Tu és maravilhoso, incomparável, santo, justo... nós te amamos acima de tudo, tememos, anelamos por tua presença mais do que a tudo, desejamos profundamente fazer a tua vontade!*"

Assim como o espírito de filiação nos leva a tratá-lo como Pai, o espírito de adoração nos leva a tratá-lo como Senhor. Todo culto ou atos de adoração, sejam individuais, coletivos ou sistêmicos provém desse espírito de adoração ou nova disposição produzida pelo novo nascimento e sustentada pela habitação do Espírito, baseados no qual o adoramos.

Agora, com base nessa verdade, Jesus pode ser glorificado, ou reconhecido como Senhor! Sua obra foi realizada cabalmente (*tetelestai*) e agora aplicada no coração dos eleitos de Deus. Todos eles podem prestar culto à Deus como sacerdotes que são. Se no Antigo Testamento o culto constava de diversos sacrifícios, sendo alguns redentores e outros de consagração e ações de graças, tal culto se cumpre na vida de Jesus e dos seus servos. Jesus, como o sumo sacerdote, cumpriu plenamente e cabalmente todos os sacrifícios pelo pecado. Então dizer que o culto redentivo se cumpre *soteriologicamente* em Jesus Cristo. O culto não redentivo se cumpre na vida dos sacerdotes de Jesus, a sua igreja, povo sacerdotal *eclesiologicamente*.

Todos os seus sacerdotes são chamados por Deus para participar de algum ministério no contexto do corpo de Cristo, e embora o ministério da pregação da palavra de Deus tenha sido esteriotipado como o único dentro da igreja – influência clericalista - na verdade é um dos ministérios criados por Deus no contexto do corpo. Não se deve desmerecer qualquer outro ministério, embora alguns pareçam de pouca importância no contexto da igreja. Portanto, a igreja é constituída de ministros e não de ministro.

O apóstolo Pedro fala em sua primeira carta a respeito de sacerdotes que oferecem sacrifícios espirituais¹² numa casa espiritual. Ele está tratando do assunto em apreço. Reporta-se ao culto do Antigo Testamento para expressar seu cumprimento na igreja. A igreja é o edifício (tabernáculo), morada de Deus, e todos os fieis oferecem sacrifícios como os sacerdotes ofereciam na antiga aliança. O culto do Antigo Testamento, oferecido pelos sacerdotes, tem seu cumprimento soteriológico em Jesus, mas cumpre-se eclesiologicamente na vida dos fieis. Há um culto soteriológico realizado cabalmente por Jesus e um culto eclesiológico, espiritual, realizado pelos cristãos como sacerdotes. Esse culto é chamado de espiritual não em contraste com as esferas de manifestações humanas, como emoções, corpo, sociabilidade, numa triagem com fins a uma espiritualidade "vazia do sensorial", mas em contraste com o ceremonialismo. Isso é importante dentro do contexto do sacerdócio universal dos cristãos, pois a sua liturgia prestada como sacerdote que é, consta de oferecimento de sacrifícios espirituais, ou de suas vidas em suas totalidades de manifestações. É de se esperar que na mentalidade apostólica, o culto, ou liturgia a Deus, é o oferecimento da vida dos fieis em sua totalidade como serviço agradável ao Senhor.¹³ O sacrifício espiritual inclui todas as manifestações da humanidade, das mais abstratas às mais concretas; subjetivas a objetivas; individuais a sociais. O culto espiritual ou serviço a Deus continuará aqui no mundo e se perpetuará na cidade celestial.¹⁴ Os

¹¹ Jo 7.38

¹² Citar Ipe2.4,5.

¹³ Rm 12.1

¹⁴ Apocalipse 22.3. Neste versículo aparecem as palavras latreuo e douleuo referindo-se ao serviço a Deus na nova ordem.

servos do Cordeiro o adorarão ali. Não está claro a natureza dos serviços que haverá no porvir, entretanto, a atitude cética¹⁵, serviçal, continuará por toda a eternidade na vida dos verdadeiros sacerdotes de Deus.

Há nas Escrituras várias palavras que demonstram serviços diferentes a Deus. Devido ao propósito desse capítulo, cabe mencionar somente as quatro¹⁶ mais importantes no contexto bíblico para o o desenvolvimento desse estudo:

A primeira é liturgia, que originalmente expressava serviço voluntário à cidade e depois, serviço obrigatório do cidadão ao seu país. O uso cristão da palavra pode ser assim sumariado: “*O cristianismo é o homem que trabalha para Deus e para os homens; primeiro, porque o deseja de todo coração, e, segundo, porque é compelido pelo amor de Deus, que o constrange.*”¹⁷

O termo Liturgia vigorosamente tem sido usado para denotar a organização dos elementos do culto público. Entretanto é usado no Novo Testamento de forma intercambiável com diaconia, doulia e também latreia.

Liturgia e Diaconia - Por exemplo, em Romanos 13.4 Paulo chama aqueles que estão investidos de autoridade pelo estado, de ministros de Deus (τεού γαρ διακόνος – Theou gar diakonos). No mesmo capítulo, no versículo 6, usa uma palavra da família da palavra liturgia para se referir aos agentes do estado como ministros de Deus (λειτουργοί γαρ τεού - leitourgoi gar Theou). Os agentes do Estado são diáconos ou liturgos de Deus, então neste sentido prestam um tipo de culto, serviço a Deus. Onézio Figueiredo entendeu que "todas as palavras gregas para culto significam trabalho prestado a um superior, serviço prestado a Deus. Culto, portanto, como ficou definido é um serviço que se presta a Deus".¹⁸

No capítulo 15 de Romanos, Paulo novamente usa os dois termos de forma intercambiável. No versículo 25 Paulo faz referência a sua ida a Jerusalém a serviço (διαχονον – diakonon) dos santos. No versículo 27, fazendo alusão a esse mesmo serviço que vai fazer em Jerusalém diz ser uma dívida para com os judeus por parte dos gentios e por isso "devem também servi-los (λειτουργεσαι – leitourgessai) com bens temporais. Em II Coríntios 9.12, mais uma vez os termos diaconia e liturgia tem o mesmo sentido: a ajuda aos santos de Jerusalém.

Em Filipenses 2.17, Paulo usa o termo liturgia mais uma vez (λειτουργία – leitourgia) para se referir a um serviço prestado aos irmãos. Nesse texto, o seu apostolado é comparado a uma liturgia aos irmãos como para Deus. Comparando esse texto com II Coríntios 3.6 e 6.4, onde usa o termo diaconia, vê-se que se referem ao serviço do apostolado, da mesma forma que Filipenses 2.17.

Em Hebreus 1.14 os anjos são espíritos servidores (λειτουργιακα – leitourgiaka) que vem ao serviço (διακονιαν – diakonian) daqueles que hão de herdar a salvação. Que tipo de serviço (diaconia) os anjos prestam (liturgia) ao povo de Deus? De certo que as duas palavras aparecem aí dentro do mesmo uso que Paulo faz delas em outras cartas. Ambas significam serviço prestado à Deus, igreja e ao mundo. Serviço esse que é feito como se fosse feito para o Senhor. Aqui não há a costumeira separação da vida em comportamento religioso e social.

Em outros lugares Paulo fala da realidade do serviço ao Senhor sem contudo usar essas palavras. Exemplo: Em Efésios 5.22 as mulheres devem ser submissas aos maridos como se estivesse fazendo para o Senhor. No capítulo 6.1 e 5 os filhos e os servos devem obedecer aos pais e aos senhores como se fosse feito para o Senhor. O sentido de fazer todas as coisas como se estivesse fazendo para o Senhor é em suma a idéia apostólica sobre serviço a Deus ou o culto a Deus.

Liturgia e Latreia - A palavra liturgia tem também, no Novo Testamento uso intercambiável com a palavra latreia. Isso é muito fácil de demonstrar principalmente quando ambas são usadas pelos apóstolos para se referirem ao culto ceremonial. Como exemplo, em Hebreus 9.1 (λατρείας - latreias – serviço) e 21 (λειτουργίας – leitourgias - serviço) as palavras tem exatamente o mesmo sentido e receberam a mesma tradução (RA) como serviço sagrado (λατρείας τό τε ἄγιον) . Esse mesmo significado dos dois termos aparece ainda em Hebreus 9.6 e 10.11.

¹⁵ Segundo o Dr. Waldyr Carvalho Luz em Respostas, Luz p. Caminho, 02/05/2004 “a palavra culto provém do verbo latino colere, que tem larga lista de sentidos. Basicamente, o sentido primário é o de amar. Daí, porém, surgiram várias outras acepções, entre elas adornar e cultivar, de onde cultuar, render culto, isto é, honrar, conferir dignidade, prestar homenagem, oferecer adoração.” O termo é utilizado para tradução de palavras que designam tanto adoração quanto serviço a Deus. Possivelmente o seu melhor uso seria para traduzir somente palavras que designavam adoração, como proskuneia, sebasma, treskeia, eusebeia, etc

¹⁶ Há muitas palavras no grego para designar adoração, temor, piedade, religião, como Treskeia, Eusebeia, Theosebeia, Eulabeia e outras mais, entretanto, as quatro palavras estudadas acima vão tratar de serviço a Deus.

¹⁷ Barclay, W. Palabras Griegas Del Nuevo Testamento, p. 136.

¹⁸ Onézio Figueiredo, O Culto, p.4 – Opúsculo sobre o culto cristão.

Quando a palavra latreia e cognatas aparecem com o sentido de postura atitudinal de servidão a Deus terão sob as penas dos apóstolos sentidos também intercambiáveis com liturgia, diaconia e doulia. Seguem alguns textos que demonstram a similaridade entre latreia e liturgia.

Em Lucas 2.37 faz-se menção a Ana, profetiza que servia (λατρευούσα - latreuousa) com jejuns e orações. Em Atos 13.2, relata Lucas que os profetas e mestres serviam (λειτουργία – liturgia) ao Senhor com jejum. Latreia (λατρειαν – latreian) aparece em Romanos 12.1 com o mesmo sentido que liturgia aparece em Filipenses 2.17, isto é a plenitude da existência humana dedicada ao serviço e glorificação do nome do Senhor.

De fato a liturgia do cristão é o seu serviço que presta a Deus, numa perspectiva de que como sacerdote tem o mundo como o palco de sua liturgia, tomando várias formas, desde serviços inerentes às reuniões da igreja de Deus como necessidades de outrens que são atendidas pelo amor a Deus, serviço público, etc.

A segunda palavra que interessa aqui é latreia, termo utilizado pela Septuaginta para traduzir o hebraico *abodah*, que significa serviço escravo¹⁹. Latreia (λατρεία), traz em sua raiz a idéia de salário. Etimologicamente traz a idéia de serviço feito por pagamento. É quase que exclusivamente utilizado pela Septuaginta para traduzir termos que se referiam ao culto ceremonial a Javé. Entretanto, latreia também foi utilizada para se referir ao serviço atitudinal do judeu à Javé. Aliás, se a palavra liturgia era costumeiramente usada para traduzir o serviço exterior do sacerdote hebreu, latreia se referia mais ao culto interior, ou a atitude servicial do hebreu a Javé.

No Novo Testamento o termo latreia e cognatos aparecem (21) vezes e na maioria, quando não se refere ao culto ceremonial do Antigo Testamento, faz alusão ao serviço atitudinal e do servo. Entretanto, na aplicação apostólica, mormente paulina, afasta-se do sentido ritual e passa a significar o conteúdo total da vida do servo. Por exemplo, nos textos de Romanos 9.4 (λατρεία - culto), Hebreus 9.1 e 6 (λατρειας – serviço, serviços), Atos 7.7 (λατρευσούσιν - servirão) o termo se refere ao culto ceremonial, entretanto, em Atos 24.14; 27.23 (λατρευω - sirvo); II Timóteo 1.3 (λατρευω - sirvo); Hebreus 12.28 (λατρευομεν - sirvamos) e Romanos 1.9 (λατρευω - sirvo) tem o sentido de atitude servicial galgando todos os cantos da vida. Nesse sentido, tem o mesmo significado que doulia e liturgia, muito embora os escritores do Novo Testamento tenham preferido usar mais o termo doulia e cognatos para se referirem ao serviço atitudinal e comportamental cotidiano ao Senhor.

Entretanto, os outros termos foram usados pelos apóstolos para se referirem ao culto ceremonial também. A guisa de exemplo comparando Hebreus 9.1 (λατρειας - serviço) com II Coríntios 3.7,9 (διακονία – serviço) com Hebreus 9.21 (λειτουργίας - serviço) e Gálatas 4.8 (εδουλευσάτε – servíeis) constata-se que todos se referem a cultos ceremoniais. Quanto à postura atitudinal, interior, de serviço ao Senhor, os autores bíblicos do Novo Testamento também usaram intercambiavelmente as quatro palavras. Por exemplo, Lucas 2.37 (λατρευούσα – servia), João 12.26 (διακονη - serve) e Romanos 12.11 (δουλευοντες - servindo).

A terceira palavra, diaconia, sugere serviço entre pessoas. Embora que nem sempre apareça com esse sentido – servir à mesa – no Novo Testamento. Pode significar também um serviço a Deus, um serviço ao estado, etc. Diaconia (διαχονία). Nos Evangelhos a palavra e cognatos basicamente conservam o seu sentido etimológico (servir à mesa ou à outrem). Excessão é João 12.26: “se alguém me serve (διακονη), siga-me...”. Entretanto, não é assim nas cartas apostólicas. Por exemplo, Paulo usa a palavra com outros sentidos que nada tem a ver com o técnico e etimológico.

Em Romanos 13.4 o termo se refere a autoridades como ministros (διάκονος) da providência divina. Em II Coríntios 3.6 e 6.4 a palavra ministros (διάκονος) se refere ao ministério apostólico. No mesmo capítulo três, nos versículos 3 e 9, Paulo usa a palavra serviço (διακονετεισα/διακονία) para se referir a antiga aliança, incluindo o culto ceremonial. Em I Pedro 1.12 a palavra “ministravam”(διεκονουν) faz alusão ao serviço dos profetas a Deus como diaconos. Se comparado esse texto com Hebreus 8.5 em que o escritor diz que os sacerdotes ministravam (latreuousin - λατρευούσιν) em figuras e sombras, nota-se claramente que não faz muita diferença o uso de latreia e diaconia para Pedro e o autor aos Hebreus. Em Efésios 4.12 serviço (διακονίας) se refere ao exercício de todos os dons espirituais no contexto do ministério da igreja. Aplicando aos nossos dias, refere-se à

¹⁹ Diferentemente do mundo grego, o escravo em Israel era tratado com mais humanidade e tinha direitos, inclusive de alforria no sétimo ano. O termo foi usado figuradamente pelos israelitas para se referirem ao servo de Deus. A palavra era usada também como uma maneira de se humilhar diante de autoridades.

música, oração, visitação, aconselhamento, fé, o governo, assistência social, etc. como serviços (diaconias) da igreja.

Outra palavra usada pelos apóstolos para se referir ao serviço prestado pelo fiel ao Senhor é doulia. Etimologicamente significa trabalho escravo. Entretanto, é usada com o mesmo sentido de latreia quando se refere ao culto religioso, ceremonial. Veja por exemplo Gálatas 4.8 (εδουλευσατε) e I Tessalonicenses 1.9, (δουλεύειν - douleúen). Em Apocalipse 22.3 João disse que os servos (δουλοι - douloí) o servirão (λατρύσουσιν - latreusousin). Quando se usa latreia com o sentido de serviço interior ou, postura atitudinal de serviço ao Senhor, (que é o seu único sentido no Novo Testamento) o emprego de doulia e cognatos se torna abundantemente mais usual pelos apóstolos com o mesmo sentido.

Como visto, as quatro palavras examinadas são as mais comumente utilizadas no Novo Testamento para expressarem o serviço, culto cristão, e são usadas na maioria das vezes pelos apóstolos, de formas intercambiáveis. Na verdade o que as faz ter o mesmo sentido é a questão atitudinal. O *liturgo* serve como se estivesse fazendo para o Senhor; da mesma forma o *diácono* e o *doulo* (escravo). E embora tenha-se convencionado atribuir significados únicos a essas palavras, foram usadas intercambiavelmente. Ao termo diaconia e familiares convencionou-se atribuir somente o sentido de serviço social, como servir à mesa. Entretanto, essa postura não faz juz ao Novo Testamento. John Stott assim encara a questão dos significados das palavras bíblicas originais: “*Na verdade, a melhor maneira de se entender o sentido de uma palavra no grego ou hebraico bíblicos não é o seu sentido básico na linguagem comum do povo, mas o contexto em que o autor a utiliza*”.²⁰

Após esse estudo comparativo entre as quatro palavras mais importantes do Novo Testamento, para se referir ao serviço de Deus, não há como, na mentalidade apostólica, separar “serviço cíltico” a Deus de outro tipo de serviço a Deus; elas se referem ao serviço a Deus, seja numa reunião, seja individualmente; seja atitudinal, seja nas práticas rituais, celebrativas; nas atividades mais concretas e materiais da vida. Salvo os casos em que a palavra latria é usada para se referir ao culto ceremonial do Antigo Testamento, os apóstolos, principalmente Paulo e o escritor aos Hebreus a usam com o mesmo significado das outras. Não há qualquer uso do termo latreia e seus derivados para se referir a culto ceremonial, religioso, ressalvando o que já foi dito e nesse caso era sombra²¹. Nem mesmo há no Novo Testamento qualquer concepção de vida religiosa ou serviço religioso que esteja separado do restante da vida do servo. E embora outras palavras tenham sido usadas para se referir ao seguidor de Cristo os apóstolos não tinham a concepção de religião como se tem hoje. Não havia qualquer separação de vida religiosa e vida secular como se faz hoje. Essa verdade foi percebida por Onézio Figueiredo quando afirma: “*Serviço prestado a Deus pelo salvo e pela comunidade em todas as atividades vitais e existenciais. Servir é a condição essencial do servo. No primeiro caso, trata-se da atividade constante do real servidor de Deus, que o serve de dia e de noite com sua vida, testemunho, profissão e adoração.*”²²

Seguem análises de textos que mostram que ...

HEBREUS 9,10,12, e 13. (INTERPRETAÇÃO DO CULTO SACRIFICIAL COMO SOMBRA DA VIDA COMPLETA DO FIEL)

O escritor da carta aos Hebreus usa a palavra latreia e derivadas fazendo vários recortes que levam claramente a entender que o culto ceremonial do Antigo Testamento se cumpre eclesiologicamente no viver comunitário da igreja e na vida cotidiana de cada servo. Em todo tempo a carta aos Hebreus se refere ao culto religioso e ceremonial do Antigo Testamento como figura do culto verdadeiro que se cumpre na nova aliança. Basta verificar como o autor faz vários recortes voltando ao ceremonial e revelando o cumprimento do mesmo em Jesus Cristo e na vida moral e cotidiana de cada servo.

No capítulo 9.14, do meio de uma dissertação quanto ao culto ceremonial e o espiritual, o sangue de Cristo, superior ao dos animais, purifica a consciência dos servos para o servirem (latreuo)! Evidentemente que esse serviço, pelo contexto, não se refere a qualquer serviço ceremonial ou ritual, mas à totalização da vida.

²⁰ John Stott, op. Cit. P.224

²¹ Hebreus 8.5

²² F. Onézio, Op cit, p. 3

As aplicações de sua dissertação sobre o culto sombra aparecem no contexto do capítulo 9 para frente, especialmente no capítulo 12. Nesse capítulo da carta, no versículo 28 o autor, fazendo uma comparação entre os dois montes, Sinai e Sião, alusão à dispensação da lei e do evangelho, encoraja aos fieis a servirem (sirvamos - λατρεύωμεν) de forma agradável, com reverência e santo temor. Não há no contexto qualquer indício de que o autor estivesse pensando em reuniões da igreja, mas na vida cotidiana e totalizante do servo²³. Isso faz lembrar²⁴ as palavras de Paulo aos Romanos: sacrifício vivo, santo e agradável a Deus como culto espiritual.²⁵

Chegado ao capítulo 13 os recortes continuam com muito mais insistência numa comparação da prática da vida ao serviço do Senhor (latreuo): não negligenciar a hospitalidade(2), lembrar dos presos(3), manter o matrimônio puro(4), fugir da avareza(5), imitar a fé dos pastores(7), rejeitar doutrinas falsas(9), aguardar a verdadeira cidade(14), sacrificar sacrifícios de louvor(15), não negligenciar a prática do bem (**pois Deus se agrada desses sacrifícios**)²⁶(16), obedecer aos pastores(17), orar pelos santos(18). Na visão desse escritor, bem como de todos os apóstolos, o culto ceremonial se cumpre na vida e obra de Cristo e os serviços sacerdotais são figuras do serviço que o cristão presta a Deus através de toda a sua vida. Uma leitura nos demais escritores do Novo Testamento demonstrarão que a visão é a mesma. Deixar de cultuar, de adorar é perder de vista o senhorio do Senhor Jesus.

II CORÍNTIOS 3. 1-11 (UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS DUAS DISPENSAÇÕES DA ALIANÇA DA GRAÇA)

Paulo usa a palavra diakonia nesse contexto não para se referir a algum serviço de assistência social. Aliás, como visto, nas cartas apostólicas o uso de diakonia e seus derivados se referem poucas vezes ao serviço de assistência social. Na maioria das vezes é ao serviço do apostolado ou do ministério da nova aliança. No texto em apreço aparece em 3.3,6,7,8, e 4.1. O contexto é uma comparação entre a dispensação da Lei e a dispensação do Evangelho. Paulo preferiu se referir à antiga aliança e todo o seu culto, não com a palavra latreia ou liturgia, e sim, com a palavra diaconia.

FILIPENSES 2.17 e 30 (O SERVIÇO DA PREGAÇÃO DO EVANGELHO)

Liturgia é a palavra que aparece aqui. No primeiro caso, Paulo está disposto a ser sacrificado pelo serviço (λειτουργία) da fé; isto é, pelo bem estar e crescimento dos filipenses. No segundo caso Paulo fala de um servo que também estava disposto a dar a própria vida para servir (λειτουργίας – serviço) aos filipenses no contexto do crescimento deles na graça.

ROMANOS 13.4 e 6. (OS DIÁCONOS E LITURGOS DA PROVIDÊNCIA GERAL DE DEUS)

Paulo usa a palavra diaconia e liturgia como sinônimas, se referindo aos servidores públicos como servos de Deus. Não há qualquer idéia de que esses ministros sejam de menor categoria ou importância do que os demais ministros de Deus.

²³ Muito embora não fique descartado nenhum seguimento da vida do adorador, incluindo portanto os cultos públicos.

²⁴ Notar a palavra sacrifício se referindo a práticas que necessariamente não estão atreladas a momentos de reunião da igreja. A palavra é tipicamente relacionada com a prática do culto ceremonial, entretanto, aplicada eclesiologicamente a vida prática e cotidiana dos cristãos.

²⁵ O apóstolo Paulo termina a sessão doutrinária no capítulo 11 de Romanos. A partir do capítulo 12 ele vai falar da vida prática coletiva e individual. Ele começa dizendo: "Rogo-vos pelas compaixões de Deus que apresenteis os vossos corpos como (verdadeiro) sacrifício vivo santo e agradável a Deus."

²⁶ Verificar que todos esses comportamentos devem ser resultados de uma atitude adoradora criada em nosso interior pelo Espírito Santo. Todo esse comportamento descrito no capítulo 13 deve ser vinculado ao versículo 28 do capítulo 12 que diz: "... sirvamos (λατρεύωμεν – nossa liturgia) a Deus com reverência e santo temor (atitude).

A palavra *doulia* vai aparecer no Novo Testamento intercambiável com *latria* e na maioria esmagadora das vezes se refere à submissão individual a Cristo. O que demonstra que o culto a Deus é o serviço a Cristo principalmente na vida cotidiana individual.

O culto público é uma das expressões da adoração espiritual, à qual o Espírito que habita o servo o constrange constantemente. Todos aqueles que tem o Espírito de Cristo são guiados pelo mesmo à atitude de adoração (amor, reverência, anelo, respeito, temor, obediência – Fp 3.3, Rm 8.4,14,15;) Portanto, como bem diz Valdecy dos Santos: "A adoração pública não nos dispensa da adoração privada. O culto público é apenas uma porção da nossa vida de adoração"²⁷

O serviço a Deus, ou a maneira como Deus quer ser servido pelos seus "escravos", independente de qual palavra é utilizada pelos apóstolos para significá-lo, na realidade, tipificado pelo ceremonialismo, é espiritual.²⁸ O serviço espiritual transborda os momentos ritualísticos e atinge todos os cantos da existência humana. Enquanto que a adoração (*πρόσκινέω*-proskineo) diz respeito à atitude interior de respeito, reverência, portanto uma postura atitudinal, o serviço (*latreia*, *liturgia*, *diaconia*, *doulia*) é uma resposta de respeito, de obediência à vontade do Dono, Senhor. A espiritualidade do culto é um contraste com a ceremonialidade da Antiga Aliança e não da sensorialidade, materialidade ou tangibilidade do mundo, como na concepção gnóstica. O verdadeiro adorador é aquele que entendeu que a sua vida, como um todo, precisa ser pautada pela atitude e prática de serviço, fazendo tudo, como se fosse sacrifício (*latreia*) ao Senhor.²⁹

Quando Deus se revelou a Israel, a sua palavra a Moisés foi: "Ouça Israel." Doravante Deus revelaria a maneira como deveria ser servido, cultuado: "Não terás outros deuses ... Não farás imagem de escultura... Não tomarás o nome do Senhor em vão... Lembra do dia de descanso... Honra teu pai e tua mãe... Não matarás... Não cobiçarás..."³⁰ são revelações sobre o culto de Deus, ou a maneira como ele deveria ser servido. As orientações quanto ao serviço ceremonial, o culto representativo, seriam dadas a Moisés. Esse culto foi figurativo, cumprindo-se em Jesus Cristo. O que havia na liturgia ceremonial que dizia respeito aos sacerdotes, cumpre-se na vida cotidiana dos servos de Deus. É assim que o Novo Testamento lê o culto ceremonial. As reuniões da igreja, são reuniões produzidas pelo espírito de adoração. Os adoradores querem se alegrar em seu dono, pois é um dono de escravos diferente de todos os outros. Essa relação, não mais escravagista, mas de amizade, consterna os escravos a renderem ações de graças e louvores. Para isso, os escravos se ajuntam constantemente para adorar e sacrificar ao seu Senhor. Entretanto, a adoração é contínua, ininterrupta; não está presa a lugares e horas marcadas, ela se processa pelo Espírito Santo no homem interior.

A idéia básica de adoração, tanto no Antigo como Novo Testamento fica como atitudinal, anelo em agradar, servir a Deus; pois adoração sem o anelo de submissão para fazer a vontade do dono não é verdadeira. Respeito e reverência ao dono sem disposição para obedecê-lo como servo, escravo, não consiste em verdadeira adoração.

A adoração verdadeira há de produzir alteridade. Alteridade é a capacidade de se relacionar com o outro. Alteridade é a capacidade de se colocar no lugar do outro. Em toda a Bíblia, pode-se constatar, que o espírito de adoração a Deus produz em nós a aproximação do próximo. Adoração "de mosteiro", que nos afasta do outro, do próximo, marca uma concepção de espiritualidade equivocada. A vida de adoração sempre há que levar em consideração o semelhante. Quanto mais próximo de Deus estiver o servo, consequentemente mais próximo do outro, semelhante, estará. Adoração no sentido somente vertical, que não produz em nós a abertura para o outro é condenada nas escrituras como engodo.³¹ Há de ser vertical, entre o servo (*doulo*) e seu dono, Deus, e horizontal, pois o aproximar-se de Deus significará amar cada vez mais ao próximo. Então, no espírito de adoração, quanto mais próximo Deus estiver do servo, mais próximo o servo estará.

A Igreja serve a Deus, e isso evidencia para os outros que a adoração a Deus é muito mais do que atos ritualísticos e ceremoniais; ela envolve profunda reverência e amor a Deus que desenvolve anelo em obedecê-lo em toda a sua vontade. Sendo o homem um ser sistêmico, a aproximação verdadeira de Deus o aproximará também do próximo. Por essa causa o corolário dos mandamentos é: "amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração... e ao

²⁷ HENRY Matthew, Apud, SANTOS, Valdeci, Refletindo sobre a Adoração e o Culto Cristão, IN Fides Reformata, 1998.

²⁸ Filipenses 3.3.

²⁹ Os textos de Colossenses 3. 18,20,23,24; Ef 5.22; 6.5-7 deixam bem claro essa questão.

³⁰ Citar Ex 20.1-10

³¹ I Jo 4.20;

teu próximo como a ti mesmo.”³² É impossível amar a Deus e não amar ao próximo. Uma coisa é consequência da outra.

O sacerdote, ou ministro, deve continuar prestando sua *liturgia* a Deus como a dedicação de tudo o que é e tem para a glória d’Dele. Como visto, todo culto verdadeiro aproximará o ministrante da pessoa do próximo, seja ele humano ou sistêmico. A aproximação de Deus, pela salvação, há de aproximar o homem de si mesmo e do outro, numa perspectiva amorosa, perdoadora e principalmente evangelizadora³³.

Adorar a Deus é reconhecê-lo e render-se profundamente aos seus pés como Senhor. Essa entrega, reconhecimento, gera no cristão o anelo de reverenciá-lo, obedecê-lo. Essa adoração não pode ser identificada somente como manifestações ceremoniais, celebrativas ou ritualísticas que se processam em algum lugar por determinado tempo. Basta lembrar que a adoração pública também é expressão do espírito de adoração enviado a nós, pelo qual clamamos aba Pai. A adoração é constante e se expressa em todas as manifestações da humanidade do homem. Quanto à aproximação do próximo, essa se faz toda vez que o fiel realmente está crescendo numa vida de adoração a Deus. Aproxima-se do próximo numa atitude evangelizadora e serviçal.

Em todo o Novo Testamento, como visto nesse capítulo, as palavras LATRIA, LITURGIA OU DIACONIA, salvo em casos de referências ao culto figurativo da Antiga Dispensação, estão se referindo ao uso do corpo, atitude de submissão às autoridades,(familiares, eclesiásticas e seculares) serviço aos irmãos e incrédulos como sendo serviço a Deus.

Essa realidade pode ser demonstrada pela figura de um triângulo equilátero. Quanto mais a base está do topo, mais próxima estará um lado ao outro lado. Ainda que essa analogia seja imperfeita (como todas) ilustra essa realidade. A idéia de que o nosso serviço a Deus se processa em uma triangularidade é expressa pelo Senhor Jesus quando fala dos critérios de julgamento no juízo final.³⁴ Aqui, ele se identifica tanto com o nosso próximo, que servir ao outro é servi-Lo.

Se faz parte do nosso culto (serviço) à Deus aproximar-se do próximo numa atitude evangelizadora e servil (amor), num enfoque de expressão do amor de Deus, então Deus prepara os seus fieis para fazerem esse bem. E as ferramentas para que os seus sacerdotes possam fazer a liturgia do seu serviço são principalmente capacitações espirituais ou dons. Assim como o sacerdote era dotado por determinadas ferramentas e ministérios no Tabernáculo, os fieis são dotados de muitos dons espirituais para cumprirem seus ministérios e atenderem ao seu chamado. Os dons espirituais são poderes doados pela graça para suprirem alguma necessidade humana. A guisa de exemplo: misericórdia, ensino, ajuda, serviço, administração, liderança, pastorear, profecia, etc. Todos esses termos que dão nomes aos poderes espirituais pressupõem necessidades humanas. Os dons foram dados para suprir necessidades humanas, principalmente no contexto da igreja. Entretanto, são voltados para todo o mundo também, numa perspectiva evangelizadora.

Há um acervo enorme de textos bíblicos que mostram essa realidade. Por questão de propósito citaremos apenas uns poucos: Efésios 5.22; 6.1,5; Cl 3.17, 23, 24. Verificar que toda a relação familiar e de trabalho deve ser feita como se estivesse fazendo para o Senhor. Isso precisa ser visto como uma liturgia da vida!

A cada dom espiritual há um chamado e uma ou mais necessidades inerentes. Portanto quando Deus dá os dons, faz também um chamado para que o portador esteja levando o amor e poder de Cristo ao ministrar. Esse suprimento de necessidades, quando na vida dos salvos, edifica; quando na vida dos incrédulos, tem um grande valor evangelístico, no sentido dispensar àquela vida o amor de Cristo.

Além dos dons, tudo o que o fiel é e tem, deve ser oferecido como ferramenta litúrgica para o serviço do Senhor. Não apenas o que é, mas também o que tem deve ser consagrado ao Senhor. Mas o que é e o que tem? É ser humano dotado de vontade, mente, emoções, memória, história, corpo, membros, valores, conceitos, casas, carros, dinheiro, cultura, habilidades, competências, dons, etc. Deus quer tudo. Como escravo, não é dono de nada nem mesmo dele mesmo. Tudo deve ser usado na liturgia que Deus quer que preste a ele através das reuniões, vida cotidiana e do serviço ao próximo.

Dentre tantas riquezas entregues aos fieis, Deus os capacitou especialmente com poderes espirituais que de forma singular os tornam despenseiros da sua multiforme graça. (I Pe 4.10,11) Que grande ministério (*διακονοῦντες* – diaconentes) tem os seus servos para cumprir: Administrar (*οἰκονόμοι* – oikonomoi) a

³² Mt 22.37;

³³ Chamamos aqui de perspectiva evangelizadora o desejo de ver o reino de Deus florescendo na vida individual e sistêmica da humanidade.

³⁴ Mt 25.35

multiforme graça de Deus! A idéia de Pedro é que somos mordomos e que servimos uns aos outros ministrando graça pelos dons que exercitamos em direção ao irmão. É evidente uma metáfora para ensinar que cada dom espiritual é um canal que quando aberto pelo amor, flui poderes da maravilhosa e multiforme graça de Deus para a edificação do humano e a glória de Deus. Cada dom é uma maneira diferente de trazer graça, quando sob a orientação do Espírito Santo, segundo as doutrinas e princípios da Palavra de Deus.

Os dons são ferramentas singulares na edificação da igreja do Senhor. Singulares porque nenhum outro pode ser tão diretamente eficaz. Eles abrem a despensa das riquezas da graça do Senhor. Os outros poderes dados por Deus, como talentos, inteligência, dinheiro, etc. também devem ser depositados como liturgia no altar do Senhor. Daí dizer que o fim de tudo aquilo que Deus doou é a implantação do seu reino e então a sua glória.

Esses dons são dados no momento do novo nascimento e estão inseparavelmente ligados a vocações que visam a levar Cristo ao mundo. Geralmente este alguém tem alguma necessidade, seja de ser evangelizado, ensinado, curado, orientado, consolado, ajudado, etc.

Há vários dons espirituais listados na Bíblia, porém, tais listas não concluem os dons. Possivelmente haja dons que a Bíblia não mencionou, especialmente porque as necessidades mudam de época em época. É evidente que há necessidades humanas que sempre e basicamente serão as mesmas em qualquer sociedade, cultura. Por exemplo, a necessidade de ser evangelizado, ensinado, etc. como visto acima.

É lamentável ver a igreja se definhando numa visão clericalista, quando poderia estar incentivando e abrindo espaços para o exercício consciente dos dons espirituais. É triste ouvir de irmãos que a igreja não cresceu porque o “pastor” não trabalhou direito. Ou que, “o pastor é que tem que fazer, pois ele recebe para isso”. Isso tudo tem tirado da igreja do Senhor Jesus a sua principal ferramenta de trabalho: os dons espirituais. Não é de admirar que igrejas que pensam assim além de não amadurecerem, não conseguem ficar muito tempo com o “pastor”. Se entendessem que ofício e cargo não é o mesmo que dom! Se entendessem que o “pastor tradicional” nem sempre tem o dom de pastorear! Se entendessem mais, que estes homens foram colocados na igreja para capacitar os demais dons para o seu trabalho, estariam indo pelo caminho do Novo Testamento. Estariam se preparando para uma percepção mais totalizante de culto, estariam restaurando mais um pouco daquela verdade descoberta por Lutero, o sacerdócio de todos os fieis.

Se culto na nova aliança precisa ser entendido como serviço a DEUS que se atesta na postura do cristão diante da relação com Deus e o próximo, os dons são dados como as principais, não as únicas, ferramentas para que esse serviço a Deus se expresse. Portanto a cada dom há um chamado intrínseco para um certo ministério no contexto do corpo de Cristo.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos Efésios declara que há um Ministério que precisa ser desempenhado³⁵. Esse Ministério é exatamente o serviço que a Igreja como um organismo de variedades de dons precisa desempenhar. Mas que serviço, que Ministério a igreja precisa desempenhar?

A edificação do Corpo de Cristo é a pista. Essa edificação não se faz alienadamente das necessidades humanas, portanto do mundo (sistemas) no qual a igreja está. A edificação é exatamente a construção da igreja, o crescimento dos já convertidos e a conversão dos perdidos. E isso não se faz de forma alienada do mundo, mas no seio de uma sociedade em que vive. Portanto a edificação da igreja não se faz apenas com as fórmulas tradicionais do ensinar a Bíblia a um grupo e pregar para outro. Se assim o fosse Deus daria somente dois dons para o cumprimento deste mister. Mas não. Deus deu uma diversidade imensa de dons, querendo ensinar que este Ministério da Igreja se manifesta numa riqueza de serviços, sob a orientação do Espírito Santo, a quem precisa numa perspectiva edificadora e evangelística. Edificadora para os que já são convertidos. Evangelística para os não convertidos.

Belo Horizonte, 14 de julho de 2018.

³⁵ Efésios 4.12